




Viver é uma
grande aventura



19ª edição

Giselda Laporta Nicoletis

Viver é uma grande aventura

ENTRE
LINHAS
AVENTURA

Ilustrações: Marília Pirillo
Conforme a nova ortografia

 **Atual**
Editora

Série Entre Linhas

Editor • Henrique Félix

Assistente editorial • Jacqueline F. de Barros

Preparação de texto • Lúcia Leal Ferreira

Revisão • Pedro Cunha Júnior (coord.) / Irene Incaó / Camila R. Santana

Edilene Martins dos Santos

Gerente de arte • Nair de Medeiros Barbosa

Coordenação de arte • José Maria de Oliveira

Diagramação • Setup Bureau Editoração Eletrônica

Coordenação eletrônica • Sílvia Regina E. Almeida

Projeto gráfico de capa e miolo • Homem de Melo & Troia Design

Produtor gráfico • Rogério Strelciuc

Impressão e acabamento •

Suplemento de leitura e projeto de trabalho interdisciplinar • Jacqueline F. de Barros

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Nicolelis, Giselda Laporta

Viver é uma grande aventura / Giselda Laporta

Nicolelis ; ilustrações Marília Pirillo. — 19ª ed. — São

Paulo : Atual, 2009. — (Entre Linhas: Aventura)

Inclui roteiro de leitura.

ISBN 978-85-357-0441-9

1. Literatura infantojuvenil I. Pirillo, Marília.

II. Título. III. Série.

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

2. Literatura juvenil 028.5

Copyright © Giselda Laporta Nicolelis, 1993.

SARAIVA Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP – Tel.: (0xx11) 4003-3061

www.editorasaraiva.com.br

atendimento@aticascipione.com.br

Todos os direitos reservados.

8ª tiragem/2017

CL: 810385

CAE: 602662

Para Pedro, Rafael e Daniel.

Sumário

Mudando de vida... 9

O jeito é se adaptar 15

Alô Brasil! Alô tio Sam! 21

Cada um tem sua história... 27

Afinal, valeu a pena? 34

O passado é logo ali... 39

Do presente ao futuro... é só um pulo! 46

Por que não? 53



A autora 58

Entrevista 59

Mudando de vida...



Meu nome é Pedro e eu nasci no Brasil. Agora moro nos Estados Unidos; meu pai é neurocientista e resolveu trabalhar aqui. Minha mãe também é médica, mas, para exercer a medicina, precisaria revalidar o diploma, quer dizer, prestar um exame pra lá de difícil – sem ajuda de empregada nem da família, não tem tempo de estudar.

Quando eu ainda morava no Brasil, era dez. A mãe dava plantão no hospital, então eu ia pra casa dos meus avós paternos. O vô é uma figura! Ele é aposentado e mora num casarão lá perto do aeroporto de Congonhas. A vó diz que ele perdeu o juízo depois de velho. Ele só ri e responde que é colecionador.

O vô coleciona um monte de coisa: tem relógio pela casa inteira. Relógio de cuco, carrilhão, que toca marcha, que apita,

que tem flor dentro mudando de cor... então, quando um começa, os outros vão atrás e é uma confusão daquelas. Se o telefone tocar junto, o cara lá do outro lado do fio vai pensar que é uma casa muito louca.

Mas não é só relógio que o vô coleciona. Ele gosta de aparelho de som, assim todo firulado... então fica guardando dinheiro. Quando dá, ele compra mais um. Outro dia chegou uma visita e perguntou se ali era escola de música. A vó quase morreu de vergonha.

O vô responde que é besteira dela, todo colecionador é assim mesmo. Há um guitarrista famoso que juntou 250 guitarras. A vó diz que o vô nem é músico, que não dá pra passar na sala de tanto aparelho de som, parece até *showroom*. E a Maria Helena, que trabalha lá faz trinta anos, arremata dizendo que a sorte dela é ser magrinha, senão entalava, ao fazer a limpeza.

Mas não fica só nisso, não. O vô também gosta de computador. Com impressora, essas firulas todas. Fica lendo livro de computação o dia inteiro... quer dizer, quando não está na marcenaria dele, lá no quintal. Porque ele pegou o quarto da empregada (que dorme na casa dela) e fez uma oficina, onde faz umas caixas pra guardar as coisas que ele compra.

A vó só não fica biruta com o vô porque é muito desligada. Ela é artista plástica, se tranca lá no ateliê dela e fica pintando quadros. Outro dia, aconteceu uma coisa muito engraçada: o vô trocou um relógio da sala. O antigo era pequeno, ele botou um carrilhão de dois metros no lugar.

Um dia o carrilhão tocou bem nas costas da vó. Ela levou um susto e perguntou:

- De onde saiu isso, bem?
- Tá aí faz um mês – disse o vô.

A vó nem tinha percebido. Olhava o carrilhão, até acertava a hora com o relógio de pulso e neca. Acho que aquele dia ela estava em alfa e conseguiu ouvir o carrilhão tocar. Ela diz que de vez em quando fica em alfa.

– E o que é estar em alfa, vó?

– Não tem explicação, não. Estou em alfa e pronto.

O vô diz que é o contrário: ela vive em alfa. Ouviu o relógio porque desceu pra este mundo, um instante só, depois ela desliga. A vó, quando eu ainda tava lá, de vez em quando pedia:

– Dê uma pinceladinha aqui no quadro, Pedro, pinte o que você quiser...

– Não vai estragar, não, vó? – eu estranhava.

– Que nada, Pedro, o Picasso gostava quando as crianças pintavam alguma coisa sobre seus quadros.

Daí o vô interrompia:

– Mas que pretensão, você não é o Picasso...

A vó nem respondia, só olhava, com aquele olhar dela. E o vô saía reclamando que nem podia falar nada naquela casa, só servia pra pagar as contas.

– Deixe ele – dizia a vó, se concentrando na minha pintura. Pra mim era uma besteira, mas, se o Picasso achava legal, ok. A vó vivia falando do Picasso, parecia até que ele era íntimo da gente, morava assim na casa ao lado.

Às vezes, eu ficava na casa da minha avó materna, que é nissei, “sacomé”, filha de japoneses. Meu avô materno é descendente de portugueses, então a mãe já é mestiça. Pra falar a verdade, eu tenho cinco tipos de etnia: grega, italiana, portuguesa, japonesa e ainda... uma bisavó que era índia. Sou uma salada de gente, né?

Na casa da vó japonesa, quer dizer, a *obaatyan*, era tudo muito sossegado: ela falava baixinho, calmo, diferente da vó italiana, a *nonna*. Quando as duas se encon-



tram é divertido. Outro dia a *nonna* disse para a *obaatyan* que estava tomando betabloqueador, um remédio para controlar a pressão, e ficou mais calma, parecendo um disco que mudou de rotação.

A *obaatyan* respondeu:

– É, eu notei mesmo que você está falando de uma forma mais normal...

A *obaatyan* trabalha com música japonesa. E cismou que ia me ensinar japonês. Eu até comecei a aprender, mas depois vim pra cá.

Aprendi só um pouco, dá pra saber que sou *yonseï*: a *obaatyan* é nisseï, minha mãe é sansei, e meus bisavós, que vieram do Japão, são isseï. O negócio é simples: é como contar de um a quatro em japonês: isseï, nisseï, sansei, *yonseï*.

O pai da minha mãe, que só de brincadeira eu chamo de *ojiityan*, é professor de Filosofia e tão desligado quanto a *nonna*. Eles gostam de conversar sobre livros, e umas histórias de uns caras que passaram a vida pensando, chamados filósofos.

Era diferente ficar na casa dos vós do lado do pai e dos vós do lado da mãe. A segunda era mais sossegada, sem muitos mistérios, aquele jeito oriental da *obaatyan*, e o *ojiityan* sempre lendo. A primeira era cheia de surpresas, o vô chegando com um pacote da rua, a vó dando bronca, dizendo que ele pirou de vez.

Além de tudo tinha os bichos: primeiro foi um cão *collie*; a vó se apaixonou por ele e cismou de comprá-lo. Só que ele era meio doido: cavava um enorme buraco no jardim, toda noite, que a vó e a Maria Helena tinham de encher de terra de manhã. Cada dia o buraco ficava maior e o vô disse que, qualquer dia, ele ia dar nas Muralhas da China. Eu quis saber que negócio era esse e ele contou. Eu achei bárbaro e fiquei esperando isso acontecer mesmo. E até botei nele o nome de Tatução.

Um dia veio um jardineiro espanhol cuidar do jardim, quer dizer, do que sobrou dele. Deixou as ferramentas encostadas na garagem, dizendo que voltaria no dia seguinte. Ele voltou mesmo, mas achou as ferramentas sem nenhum cabo, porque o